

**ESCALADA DO MEDO**

# Situação do Irã será o principal tema do Brics

Bloco se reúne no começo de julho e pode ajudar nas interlocuções diplomáticas

» FERNANDA STRICKLAND

Apesar de o presidente norte-americano Donald Trump ter anunciado que Israel e Irã concordaram com um cessar-fogo “completo e total”, que passaria a vigorar nas próximas horas, a situação do país persa será o principal assunto da cúpula do Brics, em 6 e 7 de julho, no Rio de Janeiro. Isso porque, desde o ano passado, os iranianos integram o bloco, que inclui, também alguns dos seus principais aliados, como a Rússia e a China. Além disso, o grupo conta com a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, duas importantes monarquias no Oriente Médio, que além de serem aliadas dos Estados Unidos, mantêm relações respeitadas com o regime dos aiatolás, em Teerã.

Os governos israelense e iraniano não confirmaram o cessar-fogo anunciado por Trump em uma rede social. Mas caso a trégua se concretize, isso não invalidaria, segundo fontes do Ministério das Relações Exteriores, o envolvimento do Brics — ou de países do bloco — na interlocução entre os governos de Teerã, de Tel Aviv e de Washington.

Por ora, a posição do governo brasileiro é a de acompanhar cautelosamente o conflito. Isso porque, apesar da trégua anunciada por Trump, isso não representa que as agressões cessem e que, com a eventual retomada do diálogo, não volte a ser interrompido

Ricardo Stuckert/PR



Lula está calado sobre a guerra no Oriente Médio. Amorim foi criticado por afirmação considerada alarmista

— e os ataques sejam retomados. Mas, na opinião de analistas da geopolítica do Oriente Médio, o Brasil não faz o movimento correto ao somente acompanhar a situação. Para o cientista político Marcos Coimbra, “o governo Lula demonstra uma política externa profundamente falha num momento de extrema tensão global”. Ele considera que o silêncio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva revela “uma postura de falsa equidistância que acaba por beneficiar o agressor”.

A declaração do assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência, Celso Amorim, de

que o cenário no Oriente Médio poderia desencadear uma “Terceira Guerra Mundial”, também não ajuda, segundo Coimbra. Em recente entrevista, o embaixador aposentado afirmou que “estamos vivendo um momento perigoso pelas partes envolvidas, e perigoso para o mundo, porque há duas guerras com potencial de se alastrem. Se essas duas guerras se comunicarem, teremos praticamente uma guerra mundial. Não digo uma guerra total, mas uma guerra com grande irradiação negativa, com reflexos na economia, no preço do petróleo”.

“É alarmista e irresponsável espalhar esse nível de pânico sem base factual robusta. Tal retórica prejudica seriamente a credibilidade do Brasil como eventual mediador ou voz ponderada”, afirmou Coimbra.

Segundo ele, não há elementos objetivos hoje que sustentem um paralelo com as guerras mundiais do século XX: “Não existem blocos majoritários mobilizados para um confronto total. O discurso catastrofista apenas desvia a atenção das soluções diplomáticas concretas que a crise exige.”

Leia mais na página 9

**NAS ENTRELINHAS**

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Mundo mais perigoso com entrada de Trump na guerra com o Irã

A ideia de guerra justa (*bellum iustum*) é um conceito filosófico, ético e jurídico greco-romano e cristão. Estabelece critérios morais para legitimar o uso da força militar. Seus princípios são a defesa contra agressão, a proteção de inocentes e/ou a restauração de direitos violados. Seu objetivo deve ser a paz e não a vingança, a conquista e/ou interesse econômico. Segundo Santo Agostinho de Hipona (séc. V) e Tomás de Aquino (séc. XIII), os três critérios básicos de uma guerra justa são a autoridade legítima, a causa justa e a intenção reta.

A justiça na condução da guerra (*jus in bello*) exige separar combatentes e não combatentes; uso da força proporcional ao objetivo; tratamento digno para prisioneiros e feridos. A resistência aos nazistas na Segunda Guerra Mundial; a intervenção internacional no Kosovo (1999) para evitar um genocídio; e a resposta inicial dos Estados Unidos ao 11 de setembro, com ataque ao Talibã no Afeganistão (2001), são consideradas guerras justas.

Mas o conceito também foi usado para legitimar guerras consideradas injustas, como a do Vietnã; a invasão do Iraque (2003) sem prova de armas de destruição em massa; a invasão da Ucrânia pela Rússia (2022), vista como agressão territorial. É que “a guerra é a continuação da política por outros meios”, conforme a definição clássica do general prussiano Carl Von Clausewitz (1790-1831), autor do mais famoso tratado *Da Guerra* (Martins Fontes).

É aí que surgem as decisões políticas desastrosas. Quando a Itália entrou na 1ª Guerra Mundial, em 1915, ao lado da “Entente” (aliança entre França, Inglaterra e Rússia), por exemplo, os políticos italianos viram uma oportunidade de libertar Trento e Trieste do jugo do Império Austro-Húngaro. Centenas de milhares de jovens foram lançados à batalha. No primeiro confronto, os austro-húngaros mantiveram a defesa de Isonzo. Morreram 15 mil italianos. Na segunda batalha, foram 40 mil mortos. Na terceira, 60 mil.

Os italianos lutaram “por Trento e por Trieste” em mais oito batalhas, até que, em Caporetto, na 12ª, foram derrotados fragorosamente e empurrados para Veneza. No livro *Homo Deus* (Companhia das Letras), Yuval Noah Harari classificou o episódio como a síndrome “Nossos rapazes não morreram em vão”, porque foram contabilizados 700 mil italianos mortos e mais de 1 milhão de feridos ao final da guerra.

Depois de perder a primeira batalha, os políticos italianos tinham duas opções. A primeira, admitir o erro e assinar um tratado de paz. Prevaleceu a segunda, porque não tinha o ônus de ter que explicar para os pais, as viúvas e os filhos dos 15 mil mortos de Isonzo por que eles morreram em vão. Era mais fácil exacerbar o nacionalismo e continuar a guerra. Entretanto, o povo também apoiou o envio de tropas para o front. Mais tarde, descontente, entregou o poder a Mussolini.

**Marcha da insensatez**

Harari destaca que decisões políticas e sociais podem não ser guiadas pela racionalidade estratégica, mas por decisões narcisistas e emoções coletivas, como o medo da vergonha da derrota, o luto familiar e o orgulho nacional, luto público e o medo da vergonha. A síndrome “Nossos rapazes não morreram em vão” escala quando se investe vida humana, recursos e tempo de forma equivocada e fica difícil recuar.

É o que está acontecendo na Rússia, na Ucrânia, em Israel, na Palestina e no Irã. Sem juízos de valor se a guerra é justa ou não, esse conceito é utilizado e violado, ao mesmo tempo, por todos os lados. Israel tem todo direito de punir exemplarmente o Hamas, mas não de promover um genocídio em Gaza. O Irã não tem o direito de financiar grupos terroristas contra a Israel, mas nem por isso deveria ser atacado pelos EUA como foi.

Vladimir Putin não deveria ocupar parte da Ucrânia, a pretexto de defender da ameaça da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), mas isso não justifica que os países da Europa gastem 5% do seu orçamento com armamentos, em vez de usarem o dinheiro para combater o aquecimento global. Agora, a Alemanha tem condições de voltar a ser a maior potência militar da Europa. A história mostra que isso não torna o mundo mais seguro.

*A Marcha da Insensatez: De Tróia ao Vietnã* (BestBolso), da historiadora Barbara W. Tuchman, coleciona exemplos de governantes que prejudicaram a si próprios e ao seu país. Os troianos aceitaram o cavalo de madeira dos gregos; a corrupção e arrogância dos papas, no Renascimento, levaram à Reforma Protestante; ao não fazer concessões políticas aos colonos, o governo britânico precipitou a Revolução Americana; e a intervenção militar, mesmo com alertas internos e crescente insatisfação social, levou os EUA, a maior potência militar do pós-guerra, à derrota no Vietnã. Trump assumiu o poder com a narrativa de acabar com as guerras, porém, com o ataque de surpresa ao Irã, em meio a negociações, tornou os EUA ainda menos confiáveis e o mundo, mais perigoso.

Entretanto, de todos os personagens envolvidos nos conflitos do Oriente Médio, o grande vitorioso é o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Por ironia, pode ser preso por corrupção e/ou condenado por genocídio quando a guerra acabar. Conseguiu arrastar Trump com seu narcisismo para a guerra com o Irã. Agora, atrai o secretário-geral da Otan, Mark Rutte, outro vaidoso, que desafia a China para uma corrida armamentista. O Irã é um elo estratégico da Rota Transcaspiana, que liga a China com a Europa, via Rússia, Cazaquistão, Azerbaijão, Mar Cáspio e Turquia. Ou seja, sem passar pelo Atlântico.

# TOP 1 no ranking nacional

de News Information – Local News

Enquanto uns viralizam, o Correio lidera.

E não é com visualização de meme, é acesso, é clique, é audiência real. O portal Correio Braziliense\* é TOP 1 Comscore na categoria News Information - Local News do ranking nacional.

1º Correio Braziliense\*

2º Estado de Minas

3º PORTAL “C”

4º PORTAL “D”

5º PORTAL “E”

Nosso novo site reflete o compromisso com a inovação: jornalismo de qualidade, acessível e moderno, em uma experiência de leitura ainda melhor.

Acesse: [correio braziliense.com.br](http://correio braziliense.com.br)

Fonte: Comscore Multiplatform – Desktop e Mobile | Categoria News/Information. \*Total Audience – \*Audiência deduplicada das propriedades: correio braziliense.com, Correio Braziliense Blogs, ofuxico.com.br e oimparcial.com.br Usuários Únicos Abril/2025 | Brasil.